

# PUCviva

N.º 566 - 20/3/2006

Jornal semanal da APROPUC e da AFAPUC

LEIA AINDA  
NESTA EDIÇÃO

Reitoria quer  
contratar novos  
professores

\*  
Os detalhes do  
encontro com  
Dom Cláudio

FÁBIO NASSIF

## UMA GREVE CONTRA AS DEMISSÕES E A INTERVENÇÃO

Reunidos em assembléia na noite de terça-feira, 14/3, estudantes, professores e funcionários decretaram greve por tempo indeterminado contra as demissões de trabalhadores da universidade e a intervenção da Fundação São Paulo.

Mais uma vez, o Tuca estava lotado, com uma platéia majoritariamente estudantil, apesar da ausência dos centros acadêmicos 22 de Agosto e Leão XIII, que não compareceram, alegando discordar dos encaminhamentos das assembléias anteriores. Entre as mais de 800 pessoas presentes ao teatro, havia também estudantes da Marquês de Paranaguá, relatando as assembléias ocorridas no câmpus e o clima de repressão enfrentado naquela unidade, principalmente entre os professores.

Nas assembléias gerais realizadas no início da semana, os professores avaliaram que não havia condições de defender a greve na assembléia conjunta. Os funcionários também caminharam nesse sentido, mantendo o indicativo de greve com a disposição de encaminhar aquilo que fosse aprovado na assembléia geral.

Logo no início da assembléia geral de 14/3, foi relatado o encontro de professores, funcionários e estudantes com o grão-chanceler da universidade, Dom Cláudio Hummes, ocorrido na manhã do mesmo dia (veja cobertura nesta edição). Diferentemente do que houve na assembléia de 9/3, esta reunião ocorreu sem tumultos. Depois de uma série de falas, a greve foi aprovada por ampla maioria.

Logo após a votação, o diretor da APROPUC Erson Martins de Oliveira fez sua declaração de voto, em nome da associação: "ainda em fevereiro, a assembléia dos professores defendeu o indicativo de greve, e esse indicativo foi enviado à assembléia conjunta com os funcionários, quando se aprovou a realização desta assembléia geral. Entretanto, na reunião de 13/3, os professores avaliaram que seria difícil manter o indicativo de greve, porque aqueles que estavam contra esvaziaram a assembléia. A diretoria da APROPUC acata esta decisão de greve e trabalhará por sua vitória".

"Fora Maura" foi uma das bandeiras de greve aprovadas naquela noite, junto com uma campanha por novas eleições gerais na universidade. A versão de Dom Cláudio sobre os motivos que levaram à intervenção serviu de argumento para a condenação da reitora, considerada mais do que nunca como parte do problema.

A ocupação de setores da universidade, como Reitoria ou a Fundação São Paulo, foi rejeitada pela assembléia. Diversas falas apontaram para a construção de uma unidade entre os três segmentos da PUC-SP, considerando-se que medidas desse caráter podem levar a cisões no movimento.

Depois da assembléia, os participantes fizeram uma manifestação por todo o câmpus e pelas ruas ao redor da universidade. O ato continuou até 1h30 da madrugada, quando os manifestantes concluíram a retirada de todas as carteiras do Prédio Velho, expondo-as no Pátio da Cruz.



## Discussões, aulas públicas e pannels marcaram o início do movimento

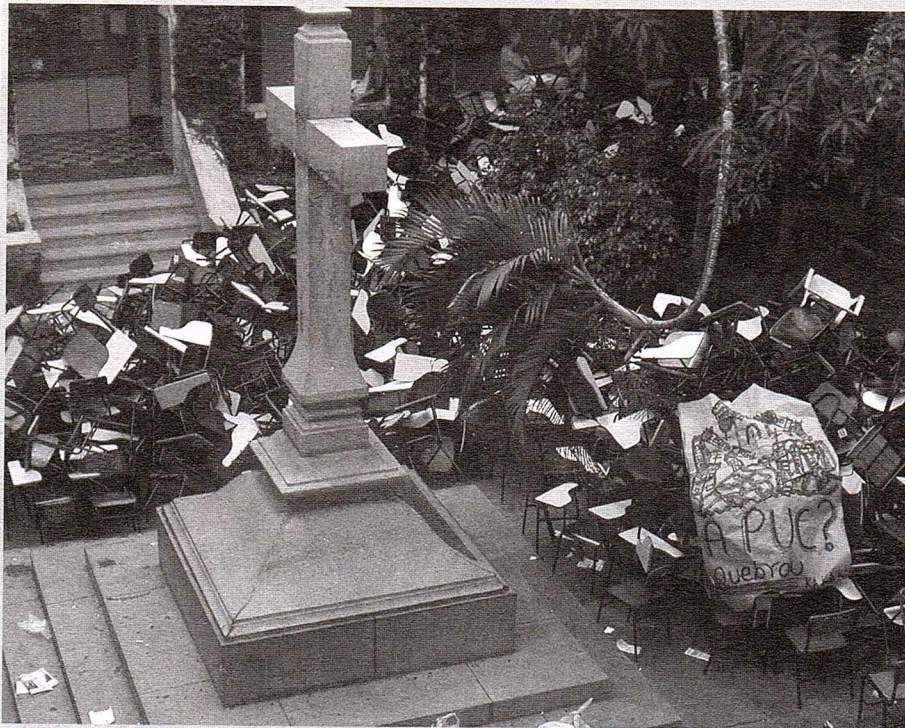
**D**urante toda a quarta-feira, 15/3, a PUC dividiu-se entre aqueles que aderiram à greve e os que eram contra. As faculdades de Serviço Social, Ciências Sociais, Comunicação e Filosofia, Psicologia, tiveram grande parte de suas aulas paralisadas, enquanto cursos como Direito e Economia apenas pararam suas atividades para realizarem reuniões abertas com os estudantes. Era comum encontrar pelos corredores grupos de alunos discutindo suas posições frente ao movimento.

Além das cadeiras colocadas no Pátio da Cruz, os estudantes bloquearam algumas entradas no Prédio Novo e no corredor da Cardoso. Os estudantes paralisados organizaram atividades durante todo o dia, chamando os colegas que ainda estavam em aula. O comando de mobilização realizou entradas em sala de aula e elaborou boletins e notas à imprensa.

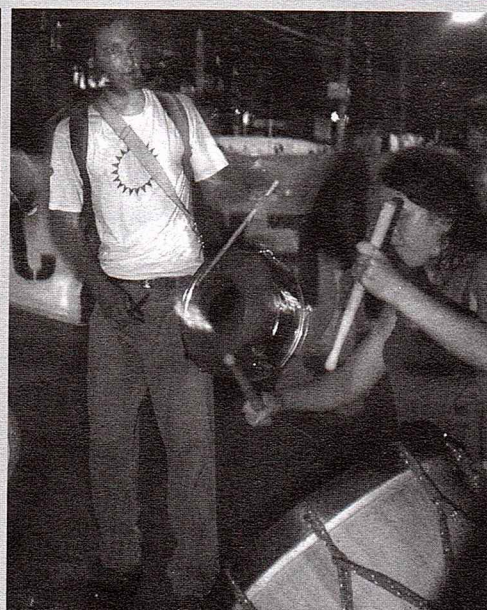
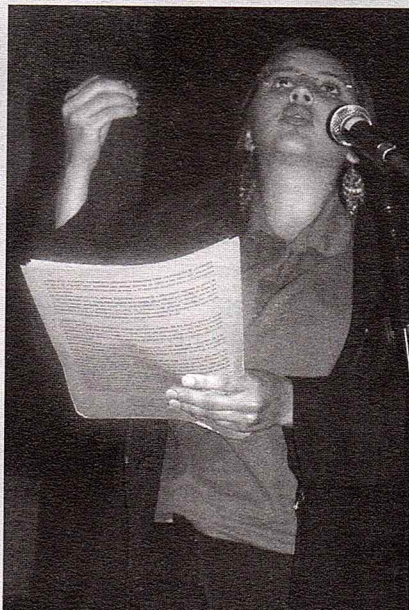
Os cursos realizaram assembléias setoriais. A mais cheia foi a do Direito e da FEA, que novamente lotou o Tuca (veja relato nesta edição). Os funcionários não aderiram à paralisação.

Também aconteceram aulas públicas, que abordaram os diferentes aspectos da crise da PUC e a relação da universidade com a sociedade.

Na quinta-feira, logo às 8h da manhã, um grupo de estudantes realizou um pannelo em frente à Reitoria. A APROPUC e a Reitoria divulgaram notas posicionando-se frente os acontecimentos (veja íntegra nesta edição), enquanto os estudantes paralisados elaboravam uma pauta de reivindicações a ser entregue aos gestores da universidade.



FOTOS DE FÁBIO MASSIF



### APROPUC informa sobre a greve

A assembléia unificada de 14/3/06 votou pela greve contra a intervenção da Fundação São Paulo na PUC e demissão em massa de docentes e funcionários. A participação de professores foi pequena, o que dificultou à APROPUC organizar o movimento, para que a greve fosse de fato dos três setores e abrangente. A nossa última assembléia avaliou essa dificuldade, apesar de a APROPUC ter colocado em assembléias anteriores o indicativo de greve. Na atual circunstância, a diretoria

chama os colegas a apoiarem a decisão da assembléia de 14/3. Está claro que a Fundação não irá parar nas demissões de fevereiro. Prevemos a destruição de nosso contrato de trabalho. A contratação de novos professores com metade do valor de nossos salários mostra que seremos duramente atingidos logo mais. Não há outro caminho senão fazer firme oposição à intervenção e a suas violentas medidas.

São Paulo, 15 de março de 2006.

*Diretoria da APROPUC*



Na página ao lado, as carteiras empilhadas pelos grevistas no Pátio da Cruz. Logo abaixo, a estudante Viviane Cantarelli se pronuncia na assembléia geral de 14/3, e o maracatu impulsiona o ato que inaugurou a greve. Nesta página, acima, os manifestantes concentram-se no Pátio da Cruz, ainda na noite da assembléia. Abaixo, a reunião aberta dos estudantes da FEA e do Direito



## REUNIÃO ABERTA

# Direito e FEA discutem a greve

**N**uma reunião chamada pelos Centros Acadêmicos 22 de Agosto e Leão XIII, os estudantes da FEA e do Direito discutiram sua participação e suas divergências com o movimento grevista.

Os diretores dos dois CAs expuseram as suas discordâncias quanto à condução do movimento, principalmente quanto às formas de convocação das assembléias e critérios de votação. A reunião, que lotou mais uma vez o Tuca, não teve caráter deliberativo, e apresentou um plenário

dividido entre aqueles que apoiavam as diretorias dos dois CAs e aqueles que se opunham à condução que elas impuseram aos estudantes de Direito e da FEA. Uma aluna de Direito questionava o fato de a diretoria de seu CA reconhecer pequenas reuniões dos alunos de sua faculdade, enquanto negava a representatividade das decisões tomadas pelas assembléias gerais de estudantes e conjuntas, que chegaram a reunir mais de mil participantes.

Já os dois CAs levantaram cri-

térios de segurança para a não participação na última assembléia conjunta, e a discordância do voto aberto, alegando que ele poderia conduzir a uma votação daqueles que não estudam ou trabalham na PUC-SP.

Ao final da reunião, ficou estabelecida a realização de duas sessões de um fórum de discussões, nesta segunda e terça-feira, para deliberar a posição das duas faculdades. A votação deverá ser feita na quarta, de acordo com o que for deliberado nos dois fóruns.

# Greve, diálogo e futuro da PUC

A greve é uma ação de ruptura. Ela ocorre normalmente quando não há diálogo nem espaço de negociação, quando os direitos são violados ou quando há necessidade de pressão concreta para defender reivindicações da comunidade. A greve da PUC-SP, justa e legítima, ficou restrita a uma parcela dos estudantes. Os professores e os funcionários não aderiram, como estava previsto. Alguns poucos, dignamente, deram apoio sincero.

À primeira vista, a não adesão à greve parece uma vitória da Reitoria e da nova ordem estabelecida na Universidade, uma atitude passiva dos defensores da "normalidade" acadêmica e institucional, após o festival de incompetências e de violências praticado em nome da PUC-SP. Na verdade revela, de um lado, um clima de terror que se imaginava definitivamente afastado; e, de outro lado, a degeneração real dos valores mais nobres da instituição.

## NÃO SE FAZ UMA UNIVERSIDADE COM AMEBAS.

O que se apresenta de fundamental agora é ver como a comunidade – professores, estudantes e funcionários – pretende seguir em frente, cuidar não apenas da "normalidade", mas dos enfrentamentos centrais da crise da instituição.

A primeira questão fundamental diz respeito à autonomia universitária. A presença da Fundação São Paulo na gestão da Universidade, mesmo consentida ou à revelia da Reitoria, demonstra que a PUC-SP perdeu a sua autonomia, e as instâncias superiores eleitas pela comunidade – Consun e Reitoria – estão com poderes limitados. Como cuidar da gestão acadêmica – e assegurar a excelência da instituição – sem acesso ao controle administrativo e financeiro? A não ser que a Reitoria e o Consun aceitem o papel de rainha da Inglaterra ou de fantoche da entidade mantenedora.

A segunda questão diz respeito ao próprio plano da Reitoria para resolver o equilíbrio orçamentário. A opção adotada até agora é o rebaixamento dos salários, seja pelo arrocho dos contratos vigentes ou pela criação de tabela reduzida de remuneração. Mais uma vez, a Reitoria tenta penalizar boa parte do corpo docente – o que reflete negativamente na qualidade dos cursos – para preservar os privilégios dos marajás e os seus feudos; ou seja, as medidas oficiais tendem a aumentar as distâncias salariais e consolidar as castas acadêmicas.

O futuro da PUC-SP está imerso no seguinte dilema: como retomar a autonomia da Universidade se as ações e as omissões da Reitoria justificam a intervenção?

Só o diálogo e o entendimento da comunidade podem encontrar esse caminho – democraticamente. O que significa uma ampla e profunda negociação dos três segmentos: professores, estudantes e funcionários.

*Hamilton Octavio de Souza,  
Diretor da Apropuc.*



O professor Sérgio Luna (à dir.) manifesta-se na assembléia de 13/3

FÁBIO MASSIF

## GREVE

# Assembléia avalia mobilização dos professores

A assembléia dos professores da segunda-feira, 13/3, discutiu o grau de mobilização da categoria ao longo dos últimos dias. Para a maioria dos presentes, não havia disposição suficiente entre os docentes para a manutenção de um movimento grevista. Essa posição foi levada à assembléia conjunta dos três setores, na terça-feira, 14/3.

A diretoria da APROPUC relatou aos professores a audiência conciliatória com a Fundação São Paulo, realizada em 10/3. Segundo a professora Priscilla Cornalbas, presidente da entidade, os representantes da Fundação alegaram que as demissões de professores e funcionários ocorreram por motivos econômicos.

A APROPUC também soli-

citou à Reitoria e à Divisão de Recursos Humanos informações sobre a continuidade dos planos de saúde para os professores que estão deixando a PUC.

Os professores aprovaram a criação de um boletim para acompanhar os acontecimentos da universidade. O contato com entidades para que sejam elaborados manifestos de apoio será intensificado.

## Plantão jurídico

Em virtude do aumento considerável de atendimentos jurídicos prestados pela APROPUC, a entidade tem mantido, desde a semana passada, um plantão diário. Às segundas, terças e quintas-feiras, o atendimento é feito entre as 16h e as 19h. Às quartas e sextas-feiras, o plantão ocorre entre as 10h e as 13h.

**PUCviva** Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.  
**Coordenação:** Valdir Mengardo. **Sub-editor:** Leandro Divera. **Reportagem:** Jaqueline Nikiforos. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br). **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. Fone: 3670-8004. **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) - **PUCviva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br).

# Assembléia aprova "Fora Maura" como palavra de ordem

Os funcionários administrativos ficaram surpresos com o relato feito pelo presidente da AFAPUC, Anselmo Antonio da Silva, sobre a reunião com cardeal Dom Cláudio Hummes, na terça-feira, 14/3 (veja relato completo nesta edição). A indignação dos presentes à assembléia realizada naquele mesmo dia fez com que fossem aprovadas as bandeiras "Fora Mau-

ra", "Abaixo a intervenção" e "Eleição para reitor já!".

Outro ponto de pauta foi a discussão sobre o acordo salarial da categoria. Segundo relato da diretoria, a discussão pouco avançou, pois a Reitoria queria apenas discutir o acordo de 2006, deixando a decisão de 2004 e 2005 para a Justiça. Diante disso, os funcionários decidiram insistir mais uma vez numa negociação

ampla com a direção da universidade. Se até a próxima semana não houver nenhum avanço, a AFAPUC solicitará à Justiça as medidas cabíveis.

Na quinta-feira, 16/3, a categoria realizou uma reunião aberta para analisar o movimento grevista. Foi aprovado o envio de uma moção de apoio à greve e uma nova assembléia para terça-feira, 21/3, às 14h, em sala a ser definida.

## Assembléia dos funcionários

**21/03**

terça-feira

**14h - sala 239**

- Situação da universidade
- Greve

# Dom Cláudio afirma: “a Reitoria administrou todo o processo”

O grão-chanceler da PUC-SP, Dom Cláudio Hummes, recebeu uma comissão de doze representantes da comunidade puquiãna – professores, funcionários e estudantes – na manhã de 14/3. O encontro aconteceu na sede da Cúria Metropolitana, em Higienópolis.

Em cerca de uma hora de conversa, o cardeal ouviu as posições do movimento e forneceu sua versão sobre a intervenção da Fundação São Paulo na universidade. Dom Cláudio atribuiu à reitora Maura Vêras grande responsabilidade na lista de demissões sumárias divulgada em 17/2. Segundo ele, os cortes já estavam previstos desde maio de 2005, quando a Reitoria ainda negociava a dívida da PUC-SP com o Bradesco e o Banco Real.

Dezenas de manifestantes caminharam do câmpus Monte Alegre até a Cúria, e protestaram na calçada do início ao fim do encontro. A pedido de Dom Cláudio, os jornalistas de dentro e fora da PUC-SP que compareceram à sede da Cúria foram impedidos de acompanhar a reunião. Mais tarde, foram recebidos pelo secretário de comunicação da Arquidiocese de São Paulo, Juarez de Castro, que confirmou a participação de Maura nas demissões: “a Fundação e a Reitoria elaboraram a lista juntos, embora a Reitoria dissesse não concordar com as demissões”. Juarez afirmou que a Fundação São Paulo não conhece os professores, e não teria condição alguma de confeccionar a lista sem o auxílio e Maura e sua equipe.

Ao lado, reproduzimos um relato detalhado do encontro, elaborado por professores e funcionários que foram recebidos por Dom Cláudio.



FÁBIO NASSIF

Estudantes, professores e funcionários protestam em frente à Cúria Metropolitana

## Relato da reunião com o grão-chanceler D. Cláudio Hummes, em 14/03/2006

Uma comissão composta por funcionários, professores e alunos encontrou-se com D. Cláudio Hummes, em 14/03/2006, por volta de 11h para fazer uma entrega oficial do abaixo-assinado *Manifesto em Defesa da PUC-SP*. Mais do que apenas entregarmos o abaixo-assinado, aproveitamos a oportunidade para conversarmos com D. Cláudio sobre a grave situação que, hoje, a PUC-SP vive. Considerando o teor da conversa, acreditamos que ela não poderia ficar restrita aos que lá estavam presentes. O que segue não pretende ser uma transcrição dessa conversa, mas sim um relato elaborado conjuntamente pelos funcionários e professores que estiveram presentes ao encontro. Neste relato, as frases entre aspas reproduzem literalmente afirmações anotadas pelos membros da comissão.

A reunião iniciou com a manifestação, por parte da comissão, de sua extrema preocupação com o grande número de demissões de professores e funcionários. Adicionalmente, a comissão explicitou sua preocupação e suas dúvidas quanto à forma e via pelas quais

o processo das demissões foi realizado. Diante do quadro de violência que caracteriza esse momento, dos riscos de aumento do déficit em função dos passivos trabalhistas, que podem ser gerados por causa dos procedimentos utilizados nas demissões, da deterioração das relações de trabalho, das relações éticas, acadêmicas e pedagógicas, foi colocado que há uma perda para a PUC-SP, como instituição, nesse processo.

### D. Cláudio também expressa preocupação

D. Cláudio afirmou estar preocupado com tudo isso. Afirmou que precisamos encontrar caminhos. Ele disse que não tem prazer em demitir, lembra que na história da PUC-SP nunca houve um grande número de demissões. Reconhece que esse conjunto de demissões deve ter causado um grande impacto na comunidade. Entretanto, segundo ele, o fato é que a PUC-SP não tem dinheiro: “80 milhões de déficit é algo irracional.

continua na página seguinte

A PUC-SP é como um avião que está descendo (caindo). A PUC-SP está insolvente". Ele afirmou, ainda, que esses foram meses ruins, e que ele está sofrendo. Mas que não existe dinheiro e que ninguém pode ser obrigado a buscar dinheiro nos bancos para pagar salários.

### **A história recente da crise da PUC-SP**

D. Cláudio relatou ter constatado o problema financeiro no fim do mandato da Reitoria anterior. Afirma que a Reitoria atual da PUC-SP foi quem fez o projeto para o empréstimo de 82 milhões; o estudo foi feito pelos bancos e pela Reitoria e resultou num contrato no qual constavam todas as cláusulas, incluindo datas para pagamento, previsão do montante de cortes (30% da folha) e data para os cortes. A Reitoria convenceu a Cúria de que este era um projeto possível e bom de recuperação da PUC-SP. Este projeto não teve origem na Fundação São Paulo. Dom Cláudio afirma que apenas assinou o contrato (o que foi feito em maio de 2005); sua única interferência foi assegurar que não entrasse nenhum bem da Igreja como garantia de empréstimo. Ressalta que a Igreja nunca recebeu dinheiro da PUC-SP.

### **A Reitoria administrou todo o processo**

Segundo D. Cláudio, foi a atual Reitoria que conduziu todo o processo e que administrou este projeto. O dinheiro entrou em maio de 2005 e durante seis meses subsequentes não aconteceu nada. No 2º semestre, o déficit mensal já era de 4 milhões, porque a Reitoria não providenciou os encaminhamentos previstos no contrato, afirmando que faltavam condições acadêmicas e legais para tanto.

Assim, só no 2º semestre de 2005 havia mais 20 milhões de déficit. Os 14 milhões que o banco havia reservado para as rescisões tinham sido gastos para outras coisas.

### **A entrada da Fundação São Paulo**

Foi então que D. Cláudio nomeou mais um Secretário Executivo Adjunto para a Fundação São Paulo, de forma a garantir que a Reitoria realizasse os cortes previstos de professores e funcionários. Foi nessas condições que a Fundação São Paulo tomou conhecimento de que havia prazos pré-estabe-

lecidos nos quais as demissões poderiam ocorrer. A Reitoria trouxe uma planilha com propostas de cortes dos departamentos; outros cortes eram previstos, em torno de R\$ 2 milhões. D. Cláudio disse que insistiu que o déficit deveria chegar a zero, sendo isto o mínimo que deveria ser feito.

Uma semana antes da data-limite para realização das demissões (19 de fevereiro), a reitora procurou D. Cláudio e disse: "nadamos, nadamos e morremos na praia"; ela não conseguiria fazer mais nada.

Como a Reitoria não conseguiu fazer os cortes previstos pelo acordo com os bancos, a Fundação propôs que se fizesse uma secretaria com três integrantes. Segundo D. Cláudio, a reitora Maura Vêras inicialmente aceitou a tríade.

Entretanto, no dia seguinte ela voltou atrás e não aceitou a proposta, pois iria parecer, para a comunidade, que ela estava pactuando com as demissões. Mesmo assim, D. Cláudio executou a proposta de criar a tríade. Ele alega que a entrada dos bancos não foi de seu agrado, pois teve que ir aos mesmos e negociar os contratos. Naquele momento, D. Cláudio afirma que não havia mais dinheiro para pagar as rescisões nem o salário dos professores. Nestas condições, os bancos só aceitavam pagar as rescisões "na boca do caixa", uma vez que o dinheiro previsto no empréstimo já teria sido usado pela PUC-SP.

### **O governo federal e a PUC-SP**

D. Cláudio relata ter ido falar com o Presidente Lula em dezembro de 2005 para pedir ajuda ao Governo Federal.

Em janeiro de 2006, reuniu-se com o Presidente Lula, e cogitou-se a possibilidade de um empréstimo junto ao BNDES (empréstimo a longo prazo, com juros menores).

D. Cláudio relata que, no processo de negociação junto ao Governo Federal, o presidente do BNDES, Guido Mantega, teria cogitado o empréstimo junto ao Banco do Brasil; no entanto, D. Cláudio não aceitou, devido às condições apresentadas.

### **A Fundação São Paulo e o futuro da PUC-SP**

Segundo D. Cláudio, "precisamos reformular a PUC-SP e encontrar formas administrativas que não sejam as antigas. A Reitoria decide os gastos e a Fundação São Paulo é quem os paga,

não pode ser assim".

D. Cláudio diz que quem ocupa o cargo de reitor, ocupa também o cargo de secretário executivo da Fundação São Paulo, mas age como ocupante apenas do cargo de reitor. "O reitor Ronca age como reitor".

A dívida da PUC-SP é maior do que os 82 milhões. Há, por exemplo, a dívida do REFIS, que é alta.

Segundo D. Cláudio, "temos de encontrar um grupo de trabalho que formule nova administração, dando sustentabilidade financeira com excelência acadêmica." A administração da PUC não tem nada de modernidade, reformulá-la levará um certo tempo. Esta reformulação deverá mexer nos estatutos e nos regimentos da PUC-SP.

"A reformulação da Secretaria Executiva foi para não fechar a PUC". D. Cláudio não comentou sobre as irregularidades e arbitrariedades envolvidas nos processos de demissão. Apenas reconheceu que há professores importantes que foram demitidos, mas não há o que fazer. "Não temos dinheiro".

Segundo D. Cláudio, a PUC-SP arrecada entre 20 e 25 milhões por mês. O que falta é uma boa administração.

"Precisamos ver o que o governo pode nos oferecer, nossas decisões sobre o futuro depende disso. Temos que ter paciência, pois o ano é eleitoral".

### **Perguntamos: quem vai reconstruir a universidade e sua autonomia?**

D. Cláudio afirmou que a Reitoria teve entre maio de 2005 e fevereiro de 2006, para resolver os problemas do déficit e não o fez. Afirma, diante disso, que teve de intervir: "se eu entrei na universidade foi porque a Reitoria me empurrou para dentro".

O governo federal, para emprestar dinheiro à PUC-SP, vai exigir uma reformulação administrativa. Reafirma que precisamos ter paciência e aguardar o pronunciamento do governo federal.

Concluiu que só a comunidade pode tirar a PUC-SP do buraco.

### **Associação dos Professores da PUC-SP**

*Priscilla Cornalbas  
Tereza Maria de Azevedo Pires Sério*

### **Associação dos Funcionários da PUC-SP**

*Anselmo Antonio da Silva  
Marta Bispo da Cruz*

# Reitoria determina contratação de novos professores

**E**m ofício endereçado às chefias acadêmicas, a Reitoria determinou que sejam efetuadas contratações de novos docentes. “Esta Reitoria serve-se da presente para determinar que sejam concluídos os processos seletivos em andamento para a viabilização da contratação de docentes, a fim de que sejam preenchidas as turmas que se encontram sem professores e que seja normalizada a vida acadêmica das Faculdades e Programas de Pós Graduação”.

A nota leva em consideração uma série de fatores, entre eles a manifestação da Fundação São Paulo, emitida em 10/3, no sentido de não reverter as demissões realizadas sob sua responsabilidade.

A nota da Reitoria admite que ainda podem ocorrer alterações da atual situação a qualquer momento, mas que estas modificações serão estudadas caso a caso.

## Na contramão dos Conselhos

A determinação da Reitoria vai em sentido contrário à decisão do último Conselho de Ensino e Pesquisa (Cepe) do dia 14/3, que solicitava uma convocação urgente do Consun para esclarecimento da situação. No mesmo sentido, a atitude da Reitoria contradiz a própria decisão do Consun, que determinava a revogação das demissões.

As contratações devem seguir os valores determinados pela nova tabela de salários para professores, apresentada pela vice-reitora acadêmica Bader Sawaia em reunião anterior. Conforme o *PUCviva* noticiou na sua edição n.º 564, os novos salários são até 50% inferiores aos atuais e, segundo a convenção coletiva do Sindicato, o pro-

cedimento adotado pela administração da universidade é ilegal (veja quadros nesta página). As novas contratações deverão enquadrar o ingressante num quadro provisório por um período probatório de dois anos. Terminado este período, caso haja vaga no departamento, o professor poderá ingressar no quadro de carreira.

## Salários propostos pela Reitoria

	Valores atuais	Salário para ingressantes
<b>Auxiliar de Ensino</b>	4.111,35	2.600,00
<b>Mestre</b>	5.224,35	2.900,00
<b>Doutor</b>	7.301,02	3.200,00

Os valores referem-se a um contrato de 40 horas. Sobre as cifras correspondentes aos valores atuais, não estão computados os valores do acordo salarial de 2005 (7,66%), nem os do acordo de 2006.

## O que diz a convenção coletiva

O texto da Convenção Coletiva do Ensino Superior do Sinpro-SP 2005-2006, assinado pelo Sinpro e pelo Semesp (Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo), do qual a PUC faz parte, estabelece em sua cláusula 6ª:

Salário do professor ingressante na mantenedora – A MANTENEDORA não poderá contratar nenhum PROFESSOR por salário inferior ao limi-

te salarial mínimo dos PROFESSORES mais antigos que possuam o mesmo grau de qualificação ou titulação de quem está sendo contratado, respeitando o quadro de carreira da MANTENEDORA.

Parágrafo único – Ao PROFESSOR admitido após 1º de março de 2005 e após 1º março de 2006, respectivamente, serão concedidos os mesmos percentuais de reajustes e aumentos salariais estabelecidos nesta norma coletiva.



# Moção de apoio aos professores e professoras da PUC-SP

A Adunimep, Seção Sindical do Andes, também é outra entidade solidária à luta dos docentes da universidade. Em sua extensa moção de apoio, salienta vários pontos do processo vivido hoje pela instituição de ensino.

"[...]O sonho que foi tecido em meio a tantas violências foi o da revolução social. O próprio Lênin, já afirmava que o 'imperialismo é o prelúdio da revolução social do proletariado'. A Revolução de 1917 confirmava isto até então. Depois, a Europa Oriental, parte da Ásia, alguns países da África e Cuba na América Latina Caribenha.

Mas as crises do novo sistema, ao invés de aniquilá-lo, fortaleceram-no, lançando-o para uma nova fase, sequer visualizada por Marx e Engels, nem por Lênin e, muito menos, pelos socialistas libertários, qual seja, a fase do Mundo Global. A palavra de ordem agora é globalização.

A globalização se retroalimenta de maneira complexa pela mídia, pelo consumo e pela linguagem informacional. O dualismo se mantém: inclusão/exclusão. A violência é mais vociferante que dantes, pois ela exclui, extrojeta para fora do sistema. As guerras não são mais imperialistas, não há mais o *front*, elas são agora globais e informatizadas: InfoWar, guerras de pânicos, onde todos somos alvos potencial.

[...]No mundo globalizado, nada fica intacto. Toda o cotidiano da vida humana começa a ser tecida nas malhas dos campos semânticos do mercado. Uma "nova imagem" de mundo e de homem emerge das relações que agora são mercadológicas. É a corrosão do caráter humano e de todos os valores. Todas as instituições que compõem o tecido social são permeáveis a este processo, pelo qual o espírito do nosso tempo está passando.

Na universidade, enquanto instituição deste tecido maior, não poderíamos estar livres de toda esta realidade apresentada. Aliás, sofremos o impacto disso tudo quando nossos alunos diminuem em salas de aula por razões de não conseguirem assumir suas anuidades; nossos professores e funcionários não conseguem mais se organizar enquanto categorias, junto com outras categorias de trabalhadores em nível nacional e internacional; a política acadêmica e o projeto institucional da instituição universitária se vêm invadidos ou subs-

tituídos pelas linguagens do campo semântico do mercado; nosso saber, que para além de ser socializado e construído no espaço acadêmico, começa a tomar um caráter de saber instrumental; nossos funcionários e professores começam a ser demitidos da instituição, sem nenhum processo e critério de discussões mais colegiados, caracterizando demissões muito mais políticas que processuais. Ou seja, o critério é o mercadológico.

É neste contexto de demissões, que se dá no bojo de um contexto maior, que nos colocamos enquanto movimento sindical, em gestos necessários de solidariedade, às demissões que vêm ocorrendo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Não queremos nos colocar em contrário, simplesmente por sermos contrários aos processos demissionais. Não. Mas queremos que estes processos se dêem em transparência e em discussões colegiadas mais articuladas com o movimento sindical. Acreditamos ter acumulado, ao longo deste tempo, na luta e luta sindical acadêmica, um manancial de diálogo e de construção de processos, haja visto a significativa contribuição do movimento sindical no processo da construção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como universidade mesma.

Mais do que momentos de demissões, queremos assumir que haja momentos de tensões conjuntamente e criatividade, nas distintas lógicas que nos constituem: a lógica institucional e a lógica sindical. Sabemos que o mundo globalizado se impõe com todos os tentáculos em forma de valor universal e, cuja opressão, ainda continua mais violenta que antes. Mas não queremos abrir mão dos processos e espaços construídos coletivamente nesta instituição enquanto uma autêntica universidade, não queremos deixar de acreditar que podemos construir prelúdios para uma revolução social com gestos necessários de solidariedade e com manutenção do sonho. Estes gestos sim, que fazem a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ser mais efetivamente universidade e universidade reconhecida em sua maneira distinta de ser, como sua própria história revela".

Adunimep – Seção Sindical  
do Andes-SN

# Professores do Paraná divulgam abaixo-assinado

O Colegiado de Serviço Social da Unioeste/Toledo/PR manifesta apoio aos docentes, alunos e funcionários da PUC-SP, que, nesse momento, estão sob a insegurança do processo demissionário que vem ocorrendo na instituição, bem como da insegurança da continuidade da qualidade de ensino, pesquisa e extensão da PUC/SP, em razão das sérias demissões que ora atingem o corpo docente e técnicos administrativo.

Reiteramos, através do abaixo-assinado, com mais de 200 assinaturas de docentes, discentes e servidores técnicos administrativos da Unioeste/Toledo, a solicitação à PUC-SP para que reveja o processo demissionário em curso. Salientamos que a PUC-SP, ao longo de sua existência, e da criação dos cursos de graduação e pós-graduação na área de Serviço Social, muito contribuiu, e há de contribuir, com a formação de acadêmicos da graduação e com a qualificação docente do quadro de carreira das IES de todas as unidades de ensino do nosso país e do exterior.

Salientamos a existência da inserção de docen-

tes do Serviço Social da Unioeste/Toledo na qualificação *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado) na PUC-SP desde 1987, ano da criação do nosso curso, ressaltando que, no momento, encontram-se em processo de doutoramento três docentes do Serviço Social da Unioeste/Toledo.

A demissão em curso, sem dúvida alguma, refletirá na qualidade da formação com a qual a PUC-SP é reconhecida nacional e internacionalmente, bem como na contribuição teórico-prática que seu quadro docente tem dado para a categoria profissional dos assistentes sociais.

Certos de que outras alternativas, que não a demissão de profissionais altamente qualificados, sejam encontradas para a solução de possíveis dificuldades vivenciadas pela PUC-SP. Nos colocamos à disposição dessa renomada instituição.

Atenciosamente,

Vera Lúcia Martins  
Coordenadora do Colegiado do  
Curso de Serviço Social

## Alunos da Pós-Graduação pedem volta de professora demitida

Alunos de pós-graduação, ao escolherem uma universidade para continuar os estudos e pesquisas, optam pela proposta pedagógica e teórica da universidade. No contexto do projeto pedagógico desenvolvido pelos programas de pós-graduação, cada aluno faz opções por atividades ofertadas nos programas.

Nós, alunos matriculados com a orientadora Dilsea Adeodata Bonetti e no *Núcleo de Estudos e Pesquisa: Trabalho Profissão*, assim entendemos a formação e por isso optamos pela orientação da professora, bem como pelo núcleo por ela ministrado em conjunto a outras professoras no Programa de Estudo Pós Graduados em Serviço Social. Ocorre que, para nossa surpresa e indignação, a matrícula realizada para o primeiro semestre de 2006 está comprometida com a não continuidade da professora nas suas atividades profissionais junto à PUC-SP.

Além de nossa indignação com a possibilidade de rompimento da proposta pedagógica e teórica ofertada no momento de nossa inserção nessa universidade, queremos dizer que a professora Dilsea dedicou grande parte de sua vida ao Serviço Social e à

pós-graduação oferecida pela PUC-SP, formando pesquisadores e professores, incorporando o grupo de pessoas que fizeram com que o Serviço Social fosse reconhecido pelas instituições de pesquisa no país.

Nos debates interiores ao Serviço Social, a professora Dilsea também sempre esteve presente, sendo protagonista de temas relacionados à formação e a ética profissional, sendo uma das organizadoras do livro que documenta os debates sobre a última revisão do Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais: *Serviço Social e Ética*, publicado pela editora Cortez.

Por essas questões, exigimos a reconsideração da demissão dessa professora, o que possibilitará a continuidade de suas atividades, bem como da proposta pedagógica a qual optamos quando decidimos ingressar na PUC-SP.

Assinam esse manifesto alunos matriculados no Núcleo de Estudos e Pesquisa: Trabalho Profissão; alunos matriculados na orientação com a Profa. Dilsea Adeodata Bonetti; ex-alunos e apoiadores da Profa. Dilsea Adeodata Bonetti.

# ANPEd envia carta aberta à PUC-SP

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd, compromissada com a defesa da educação nacional, acompanha com crescente preocupação os últimos acontecimentos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, que têm resultado em demissões de professores e pesquisadores que compõem o corpo docente desta instituição.

Considera que essa instituição, com respeitável corpo de professores e pesquisadores de alta qualificação, tem contribuído, ao longo do tempo e de forma significativa, para o fortalecimento da educação superior no país, especialmente no que tange ao desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação.

Portadora de uma história que a enobrece, a PUC-SP deu mostras, nos tempos difíceis do regime autoritário, de que sabe encontrar os meios adequados para vencer as adversidades, preservando os processos democráticos de gestão e de valorização de padrões acadêmicos de alto nível. No momento atual, em que enfrenta grandes dificuldades para manter estes padrões que a destacam no meio acadêmico-científico, há de se esperar que trilhe caminhos que levem-na a superar a crise que a envolve, de modo a continuar garantindo a elevação dos padrões da pós-graduação e da pesquisa

em educação no cenário nacional e internacional.

A ANPEd, entidade que congrega mais de 1800 sócios e 76 programas de Pós-Graduação em Educação no país, reitera, nesta ocasião, junto às autoridades competentes dessa instituição, que sejam enviados esforços na busca de soluções que, em um clima de respeito aos processos democráticos, garantam a preservação do patrimônio intelectual de maior valor – os docentes que, no dia-a-dia, emprestam sua inteligência e dedicação à formação de novas gerações de pesquisadores, professores e cientistas que a nação brasileira requer.

Por fim, a ANPEd coloca-se à disposição para que se somem esforços no sentido de que, em curto prazo, possam ser encontradas formas de superação da crise, de modo que aqueles que fazem a PUC-SP reencontrem o clima propício para continuar produzindo e socializando o conhecimento científico-tecnológico de alta qualidade, no contexto de uma luta integrada com forças progressistas que pugnam pela soberania do Brasil no concerto das nações desenvolvidas.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2006  
Profa. Dra. Márcia Angela da Silva Aguiar  
Presidente

## FALA COMUNIDADE

# A entrevista e a miséria da PUC-SP

Eduardo Luiz Viveiros de Freitas

Depois de “O Fingidor” e “A Terra Prometida”, o dramaturgo Samir Yazbek nos brinda com “A Entrevista”, peça em ato único em cartaz no TUCA até 26 de março (sábado, 21h; domingo, 19h). No elenco, Lígia Cortez, indicada ao Prêmio Shell 2005 de melhor atriz, pelo excelente trabalho na peça, e Marcelo Lazzaratto que também dirige o espetáculo. Lazzaratto é filho da PUC. De outros tempos, mas é...

Texto, autor e atores, direção e produção simples e objetivas, envolvem o público na paixão teatral. Não há suntuosidade, mas elegância. Não há patrocínio milionário, mas riqueza estética. Não há concessões, mas excelência.

Samir Yazbek, ao criar seu texto mais intimista, na verdade nos traz uma peça política, um libelo contra a mediocridade, o comodismo, a resignação.

Não estamos diante de um novo Brecht. Samir está, segundo um crítico, mais para Strindberg, e sua personagem é uma escritora que “tem bastante afinidade com a obra do dramaturgo irlandês Samuel Beckett”. Então, onde estaria o político na peça?

A política e o poder permeiam a tríplice relação entre a escritora em crise existencial e de criatividade, o entrevistador que é ao mesmo tempo causa e provocação para a saída da crise, e o público que assiste ao confronto mediado pela presença instigante do Outro, das limitações da linguagem, da impotência intelectual, da incapacidade de agir, “mesmo sabendo de tanta coisa errada que mereceria uma tomada de posição mais certa de nossa parte”.

Do embate do indivíduo com suas limitações e sentimentos, dissecado num ambiente em que a relação de poder (jornalista x entrevistada num programa de televisão) sufoca personagem e público, não resultam mudanças institucionais, atitudes e comportamentos políticos ousados.

Ao propor uma reflexão sobre a incapacidade de agir e a dificuldade de superar limitações, Lívia Vasconcelos (a escritora) põe o dedo na ferida coletiva: devemos ultrapassar as limitações “no sentido de sermos menos mesquinhos, de olharmos para além do nosso umbigo, daquilo que nos apequena”. Apesar de nosso “destino coletivo”, no século que se inicia, estar mais para “uma espécie de

Hamlet redivivo”, como diz a personagem, o silêncio que a acompanha, e ao público na saída do teatro, não traz a morte (o conformismo), pois está preenchido por algo que talvez ainda não tenha nome, “mas existe”, porque sentimos que existe.

Aí está o teatro propondo uma reflexão nobre às pessoas e às instituições. Não foi à toa que o TUCA pôs “A Entrevista” em sua programação. As pessoas – indivíduos e a PUC – instituição, precisavam assistir esse espetáculo, para encarar sua “miséria de frente”.

Do mesmo autor, o TUCA trará em breve “O Fingidor”, peça que será publicada em abril deste ano, junto com “A Terra Prometida” e “A Entrevista”, na coleção Aplauso (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo)

Eduardo Luiz Viveiros de Freitas, ex-funcionário e doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP

Os artigos publicados nesta seção são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Espaço disponível: máximo de 30 linhas, ou 2300 caracteres em fonte 12.

# Rola na rampa



FOTOS DE FÁBIO

Na Prainha (acima) e na Comfil (destaque), estudantes acompanham aulas públicas da greve



## Aulas públicas reúnem centenas na Prainha e na Comfil

A votação da greve na terça-feira da semana passada suscitou a organização de diversas atividades de mobilização em defesa da universidade. Estudantes participantes do comando de greve e Centros Acadêmicos realizaram manifestações contra a Reitoria e a Fundação São Paulo, aulas públicas pelos pátios da universidade e outras reuniões. A Faculdade de Psicologia, por exemplo, reuniu-se em assembléia do curso, deixando aper-

tado o auditório 333. Já na Prainha e no Pátio do Benê, centenas de estudantes assistiram às aulas públicas ministradas por professores ativos (José Arbex Júnior, Silvio Mieli) e demitidos (Francisco Fonseca, Adrian Ribaric, Willis Santiago Guerra, Carlos Matheus), abordando temas que relacionavam o movimento da PUC-SP com a realidade social e política brasileira. As aulas deverão continuar nesta semana.

## Conhecendo São Paulo

O Clube da Caminhada da PUC-SP está organizando para o dia 26/3, às 9h uma grande caminhada pelo centro velho de São Paulo. Os caminhantes podem fazer suas inscrições gratuitas no PAC, que fica

no Prédio Novo, piso térreo. Os que participarem do passeio percorrerão a pé as ruas do centro velho. Outras informações podem ser obtidas pelo e-mail recep@pucsp.br ou pelo telefone 3670-8544.

## Para a Reitoria, clima é de tranqüilidade

Após a deflagração da greve na semana passada, a assessoria de comunicação da universidade, a ACI, publicou matéria com a seguinte abertura: "Clima no principal câmpus da PUC-SP é de tranqüilidade". A matéria contava também com a nota oficial dos gestores da universidade: "a Reitoria da PUC-SP comunica que apenas uma parte de seus estudantes de graduação em um de seus *campi* está em greve. Professores e funcionários continuam em suas atividades de rotina. Consideramos a greve um instrumento legítimo; no entanto, não compactuamos com a atitude autoritária do comando de greve, que retirou as carteiras das classes de alguns cursos, invi-

abilizando o direito de escolha tanto de estudantes como de professores que têm a intenção resolvida de manter as aulas. Da mesma forma, repudiamos o uso estridente de aparelhos de som com a finalidade de impedir qualquer atividade didática no entorno. Nesse momento em que a universidade enfrenta com vigor os problemas que colocaram em risco sua continuidade institucional e sua autonomia, devemos zelar pelo direito das pessoas que aqui estudam e trabalham, por sua integridade física e pelo patrimônio da universidade. A universidade não ficará refém de grupos que querem inviabilizar nossas atividades acadêmicas".

## Tuca prepara oficinas de teatro

O Teatro do Ornitórrinco e o Tuca oferecem de 27 de março a 20 de maio, oficinas teatrais gratuitas, durante o processo de ensaios da peça de Georges Feydeau, *O Marido Vai à Caça!*, com a direção de Cacá Rosset. Os interes-

sados devem mandar currículo sucinto, com foto, uma carta de intenção e telefone para o e-mail: oficinaornitorrinco@gmail.com. O contato com os possíveis participantes será feito entre 08 e 24 de março.

## Marquês de Paranaguá também realiza assembléia

Uma assembléia não muito disputada, mas elucidativa. Foram poucos os estudantes que se dispuseram a participar da Assembléia dos Três Setores do câmpus Marquês de Paranaguá, mesmo assim, os que marcaram presença puderam esclarecer suas dúvidas sobre as movimentações na Monte Alegre, situação que diz respeito a toda a PUC-SP. Membros da AFAPUC, APROPUC e do

movimento estudantil, conhecedores do cenário vivido hoje no câmpus de Perdizes, compareceram à assembléia, relataram os ocorridos até a semana passada e expuseram como anda o processo de mobilização. Alguns estudantes da Marquês realizarão outras reuniões durante os próximos dias para estabelecer maior diálogo com toda a comunidade de seu câmpus.